

Quatro episódios de Sergipe no "TEMPO DOS FLAMENGOS"

Francisco José Alves*

"Tu Sergipe, pões em face de tuas moradas as flamas de febo, e sozinha queres ser chamada de El Rey" (*BARLEUS, Gaspar. História... Belo Horizonte: Itatiaia, SP: Edusp, 1974. 1ª edição de 1647*).

No saber histórico, tarefa fundamental e incontornável é o estabelecimento dos fatos. Isto é, o trabalho do historiador tem início com averiguação dos acontecimentos que constituirão os fios da futura narrativa resultante da pesquisa. Com base nos documentos remanescentes da época focalizada, o pesquisador demarca fatos e os situa no tempo. Desta forma, circunscrever acontecimentos e datá-los faz parte do ofício do historiador como atividade capital.

Esta tarefa básica resulta numa cronologia, um elenco de fatos devidamente datados. Estes princípios regem a história desde que a disciplina tornou-se ciência no século 19. Faz parte da carpintaria historiográfica; é um "beabá" do ofício.

Apesar da importância da cronologia na feitura da história, este tipo de trabalho tem sido descurado pelos cultuadores de Clio em solo sergipano. Assim sendo, falta-nos uma cronologia geral da história de Sergipe ou mesmo de períodos específicos ou episódios significativos. Privados destes instrumentos, tanto os especialistas quanto os estudantes perdem tempo quando querem situar um fato ou acontecimento, ou ainda quando querem uma visão rápida de uma época ou evento da história sergipense. Os estudos de história – entre nós – estão carecendo de cronologias objetivas e embasadas em evidências de época, as chamadas fontes históricas. Neste terreno carente, trago uma pequena contribuição sobre datas e fatos da história de Sergipe

"no Tempo dos Flamengos", ou seja, a época do domínio holandês em Sergipe no século XVII. Vale dizer que, como todas as outras do gênero, esta cronologia pode e deve ser corrigida ou complementada:

17 de março de 1637: Chega a São Cristóvão o exército batavo chefiado pelo coronel Sigismundo van Schkoppe e por Joan Gisselingh. Conforme o cronista Gaspar Barleus (1584-1648), os holandeses arrasaram "a própria cidadezinha do Sergipe", (diga-se São Cristóvão), os engenho e os pomares.¹ Segundo um outro testemunho do lado holandês, a devastação de Sergipe então foi cotidiana e tinha como fim "manter a região limpa das inconveniências dos pelotões inimigos".² É desolador o quadro pintado por uma fonte da época. Na capitania "não ficou morador algum, (...) todos como puderam se retiraram com suas vacas e cabedal."³

31 de março de 1637: Chega a São Cristóvão as tropas lusobrasileiras chefiadas por Giovanni Vincenzo de San Felice, conde de Bagnuoli. O chefe militar italiano, chega a Sergipe fugindo das tropas holandesas chefiadas pelo holandês Segismundo Schkoppe. São Cristóvão, à época, era uma modestíssima cidade com cerca de quinhentos "fogos" [ou seja, casas], uma igreja matriz, um convento do Carmo, uma casa de misericórdia e uma capela devotada a São Gonçalo. Tinha oito engenhos de açúcar e muitos currais de gado. O militar italiano e seus comandados permanecem na cidade até outubro de 1637.⁴

Novembro de 1637: O conde de Bagnuoli, avisado do eminente ataque das tropas holandesas ao território sergipano, foge de São Cristóvão acompanhado de cerca de mil e quinhentos soldados. Antes da fuga, destrói tudo que pudesse ser útil aos inimigos. Mata cinco mil cabeças de gado e leva oito mil para a casa da torre na Bahia. Acompanha o militar um séquito de moradores hostis ao conquistador holandês.⁵ Conforme Barleus, Bagnuoli contava com cerca

de dois mil homens, ao passo que os holandeses possuíam cerca de dois mil e trezentos soldados, quatrocentos índios e mais duzentos e cinquenta marinheiros. Ainda segundo tal testemunho, a fuga se fez com tal celeridade sem descanso nem de dia nem de noite.

Março de 1641: O conde João Maurício Nassau, não obstante a existência de um tratado de paz entre Portugal e os Estados Gerais, manda que seus comandados invadam Sergipe e edifiquem em São Cristóvão uma fortaleza. Diz um testemunho da época: "Mandaram em quatro naus gente de guerra e trabalhadores a Sergipe Del Rey, e fizeram no porto da cidade uma fortaleza..."⁶ ■

NOTAS

1 - BARLEUS, Gaspar. **História dos feitos...** Belo Horizonte: Itatiaia, SP: Edusp, 1974. p. 65.

2 - PUDSEY, Cuthbert. **Diário de uma estada no Brasil 1629-1640.** tradução, introdução e notas de Nelson Papavero e Dante Martins Teixeira. Rio de Janeiro: Tetribraz, 2000. p. 123.

3 - SALVADOR, Manuel Calado 1584?-1654. **Valeroso Lucideno.** Belo Horizonte: Itatiaia, SP: Edusp, 1987. v. 1. p. 85. 1 ed. de 1648.

4 - COELHO, Duarte de Albuquerque. **Memórias Diárias da Guerra do Brasil. 1630-1637.** Recife: Fundação de cultura da Cidade do Recife, 1981. p. 319-20. 1ed. de 1654.

5 - BARLEUS, Gaspar 1584-1648. **Histórias dos feitos recentemente praticados no Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia, SP: Edusp, 1974. p.65. 1 edição de 1647; FREIRE, Francisco de Brito. **Nova Lusitânia, História da Guerra Brasileira.** Recife: Governo do Estado de Pernambuco, 1977. 1 edição de 1675.

6 - SALVADOR, Manuel Calado do. **Valeroso Lucideno.** SP: Edusp, Belo Horizonte: Itatiaia, 1987. p. 177. 1 edição de 1648.

** Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília, graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe, e chefe do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe.*

E-mail: fjalves@infonet.com.br